



A FACE SORTÍLEGA DO DESEJO CONSIDERAÇÕES SOBRE O ANIMISMO, A MAGIA E A FEITIÇARIA

*The Sorcerer Face of Desire
Considerations on Animism, Magic and Witchcraft*

Luiz Fernando Duran Iório¹

RESUMO: O objetivo central deste estudo é fazer ressaltar as características dos conceitos de animismo, magia e feitiçaria a partir das perspectivas de Sigmund Freud e Bronislaw Malinowski. Em um primeiro momento, analisaremos o animismo. Em seguida, uma vez que as observações etnográficas de Malinowski divergem daquelas de Freud, examinaremos a magia e a feitiçaria com a finalidade de verificar não somente as divergências, mas também as convergências e as aproximações possíveis que existem entre estes dois pensadores e os próprios conceitos entre si. Por fim, mostraremos o que está no centro dessas análises e quais são as razões que fundamentam esses métodos e as resistências que eles podem suscitar.

PALAVRAS-CHAVE: Animismo; Magia; Feitiçaria; Psicanálise; Etnografia.

ABSTRACT: The main objective of this study is to emphasize the understanding of the concepts of animism, magic and witchcraft from the perspectives of Sigmund Freud and Bronislaw Malinowski. First of all, we will analyze the animism. Then, since the ethnographic observations of Malinowski diverge from those of Freud, we will examine the magic and the witchcraft with the purpose of verifying not only the divergences, but also the convergences and possible approximations between these thinkers and the three concepts as well. Finally, we will show what is in the center of these analyses and what are the reasons that support these methods and the resistances they may bring about.

KEYWORDS: Animism; Magic; Witchcraft; Psychoanalysis; Ethnography.

Este escrito, conforme foi enunciado no resumo, tem por objetivo tecer uma análise e uma explicação dos conceitos de animismo, magia e feitiçaria propostos por Bronislaw Malinowski e Sigmund Freud. No que diz respeito ao inventor, nós nos ocuparemos, sobretudo, de sua obra *Totem e Tabu* (1912-1913). Sabemos, com efeito, que em *Totem e Tabu* Freud busca demonstrar as conformidades que ele observa entre a vida psíquica

¹ Doutorando em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), leciona psicologia no Centro de Educação Superior dos Campos Gerais (CESCAGE). E-mail: luizfernandodiorio@outlook.com

dos selvagens - analisada através do estudo de pesquisas antropológicas e etnológicas - e a dos neuróticos - observada e entendida através da experiência clínica de Freud juntamente do desenvolvimento da teoria freudiana - tecendo o que pode ser entendido como uma tentativa de sustentação da teoria clínica psicanalítica tendo como base a observação de uma população mais primitiva possível².

Para isso, trilharemos nosso caminho de escrita tendo como principais suportes duas obras: a primeira é o já mencionado trabalho *Totem e Tabu*, onde verificamos que Freud pela primeira vez direciona seu olhar e seu foco de análise para a cultura - ou para alguma cultura específica – visando aplicar ao meio cultural analisado suas considerações previamente determinadas ao longo do desenvolvimento prévio da teoria psicanalítica. Evidentemente, juntamente com essa aplicação, Freud também se serve de diversas observações para, em um caminho inverso, introduzir dados de suas observações no desenvolvimento de sua experiência analítica.

Neste caminho, Freud segue naturalmente tece analogias entre o sujeito, observado na clínica, e a dinâmica cultural ao longo de textos posteriores como: *Psicologia das Massas e análise do Eu* (1921), *O Futuro de uma Ilusão* (1927), *O mal-estar na civilização* (1929), dentre outros. Todavia, entendemos que é em *Totem e Tabu* que o autor, pela primeira vez, direciona seu olhar com profundidade para esta questão e, além disso, é ali que Freud tece suas análises sobre os conceitos que intitulam nosso trabalho.

A segunda principal referência de nosso texto, como também aludimos, é a obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922), de Bronislaw Malinowski. Nesta obra, o autor relata seu empreendimento de observação dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Optamos por esta obra em virtude dos detalhados relatos feitos por Malinowski – tendo como base principal suas observações presenciais – dos rituais de magia e feitiçaria dos nativos, assim como da relação destes nativos com os mortos. Observamos que em muitos momentos, sobretudo quando falamos da *magia* e da *feitiçaria*, as observações de Malinowski podem não só sustentar como esclarecer as considerações freudianas, contudo, verificamos que no que se refere especificamente às relações dos nativos com os mortos, as observações de Malinowski parecem contradizer o entendimento de Freud. Como se dão estas convergências e divergências? É isso o que pretendemos mostrar a seguir.

² Cf. Sigmund FREUD. *Totem Und Tabu*, GW, London, Imago Publishing, v. IX, 1961, pp. 3-4.

1. O animismo: o que dizer sobre os mortos?

Iniciaremos nosso escrito apontando uma primeira diferença conceitual – e de entendimento – fundamental entre os dois autores. No que se refere ao termo *animismo*. Para Freud, ele estaria vinculado - em um sentido mais estrito – à doutrina das almas e, em um sentido mais amplo, à doutrina dos seres espirituais³. Seguindo neste raciocínio, Freud prossegue ponderando que: “O que o homem primitivo encarava como coisa natural, era o prolongamento indefinido da vida – a imortalidade”⁴. Ora, apesar de não enfatizar o termo *imortalidade* da mesma forma que Freud, Malinowski aponta também para uma continuidade da existência dos seres humanos enquanto *espíritos* quando enfatiza: “Depois da morte, os espíritos migram de imediato para Tuma, ilha situada a noroeste de Boyowa, e lá permanecem por mais um tempo, segundo alguns, debaixo do solo, segundo outros, na própria superfície da terra”⁵. Neste primeiro momento podemos então concluir que existe uma semelhança entre o entendimento dos autores. Contudo, no que diz respeito à importância concedida aos mortos e ao lugar que recebem no discurso e organização destes povos, podemos verificar que existe uma diferença importante nas considerações dos dois.

Freud faz uma análise da relação das populações estudadas com os mortos, principalmente no segundo capítulo da obra *Totem e Tabu*, intitulado *Tabu e ambivalência emocional*, sobretudo no subitem nomeado por ele: *Tabu em relação aos mortos*⁶. Ora, para Freud, parece-nos que as relações estabelecidas com os mortos são bastante específicas e dotadas de considerável importância quando ele considera através dos estudos analisados que os sujeitos “(...) não disfarçam o fato de terem *medo* da presença ou do retorno do espírito do morto e de realizarem um grande número de cerimônias para mantê-lo à distância ou expulsá-lo de vez”⁷. Pois bem, o fato da contínua realização de cerimônias como forma de mantê-los afastados ou expulsá-los de vez não nos faz pensar que, no pensamento freudiano, estes mortos teriam algum lugar de crucial importância na organização destas populações?

³ Cf. Sigmund FREUD. *Totem e Tabu, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, v. XIII, 2006, p. 87.

⁴ Op. cit., p. 88.

⁵ Bronislaw MALINOWSKI. *Argonautas do pacífico ocidental*, São Paulo, Ubu, 2018, p. 138.

⁶ Cf. FREUD, op. cit., p. 66.

⁷ Op. cit., p. 71. Itálicos do autor.

Começaremos a responder esta questão investigando justamente como Freud entende este *medo* que ele grifa em seu próprio texto. Naturalmente que o *medo* dos selvagens nos faz pensar justamente em uma maneira de observar estes mortos que os coloca na posição de seres ameaçadores, mas por que seriam os mortos ameaçadores no entendimento freudiano? Parece que, para Freud, esta ameaça estaria estritamente vinculada ao que o autor chamou de uma *hostilidade* dos próprios vivos em relação aos mortos. Conforme Freud descreve “(...) essa hostilidade, aflitivamente sentida no inconsciente como satisfação pela morte, é tratada de forma diferente pelos povos primitivos. A defesa contra ela assume a forma de deslocá-la para o objeto da hostilidade, ou seja, para os próprios mortos”⁸.

Neste sentido, Freud justifica o *medo* dos mortos ao afirmar que a *hostilidade* com relação a estes mortos surgia na verdade como uma projeção da *hostilidade* dos próprios vivos em relação aos mortos, ou seja, os vivos exteriorizam sua própria parcela *hostil* e dela sentiam *medo*, protegendo-se então deste medo através dos diversos rituais realizados. Cabe-nos, pois, perguntar-nos: de onde surgia exatamente esta *hostilidade*? O próprio título do segundo capítulo da obra freudiana já nos faz começar a entender estes motivos. A raiz disto estaria na própria *ambivalência emocional* considerada pelo autor. Vimos que ele considera esta *ambivalência* quando pondera: “Em todos os casos que existe uma intensa ligação emocional com uma pessoa em particular, descobrimos que por trás do terno amor há uma hostilidade oculta inconsciente”⁹. Desta forma, a *hostilidade* estaria profundamente, visceralmente ligada aos sentimentos amorosos como uma parcela indissolúvel destes segundos. Não haveria possibilidade então de um sentimento de puro amor? Os sentimentos amorosos estariam fadados a carregar cosidos a si mesmos sua parcela de *hostilidade*? Ou melhor, seria a *hostilidade* como que uma parte do próprio sentimento amoroso? Pois bem, parece que é justamente isso que Freud indica. Entretanto, uma nova questão nos aparece neste momento: esta *ambivalência* justificaria os sentimentos de *medo* em relação aos mortos com os quais estes sujeitos teriam então algum tipo de ligação emocional, mas como Freud entende que ocorre o *medo* de mortos, espíritos ou demônios aparentemente *desconhecidos*?

Parece-nos que Freud responde a esta questão quando considera:

No entanto, concordamos agora com uma explicação que faz derivar o tabu relativo aos mortos do medo da alma da pessoa morta, transformada em um demônio. A aparente contradição pode ser facilmente resolvida. É verdade que aceitamos a presença de demônios, mas não como algo definitivo e

⁸ Op. cit., p. 74.

⁹ Op. cit., p. 74.

psicologicamente impossível de analisar. Conseguimos ir além dos demônios, por assim dizer, porque os explicamos como sendo projeções de sentimentos hostis, alimentados pelos sobreviventes contra os mortos¹⁰.

Portanto, deduzimos que Freud entende que os demônios nada mais seriam do que outras formas de manifestações de uma mesma projeção. Ou seja, no lugar do morto com o qual o amedrontado teria uma ligação emocional *ambivalente*, surge um demônio que se prestaria apenas a ser o depositário do mesmo sentimento *hostil*. Parece também que esta mesma dinâmica poderia ser, por sua vez, aplicada a supostos *espíritos* desconhecidos. Examinando o texto de Freud “*O Inconsciente (1915)*” encontramos justamente a consideração com a qual podemos sustentar este nosso entendimento. De acordo com Freud, é devido ao *recalque* que determinado afeto inconsciente pode ser sentido, porém mal interpretado, uma vez que pode estar ligado a outra ideia e é considerado pela consciência como manifestação desta ideia¹¹.

Concluimos então que - nas considerações freudianas - o *medo* dos mortos seria a forma de apresentação da *hostilidade* dos próprios vivos em relação a estes mortos que pode ou não estar *vinculada* ao seu objeto original, podendo também se estar ligada a outras figuras como demônios ou outros espíritos ditos maus. É algo do próprio vivo que é *projetado* nesta figura e interpretado como a manifestação dela e não mais como um afeto originado no próprio sujeito. Freud retorna a este tema em seu texto *O Inquietante (1919)*, onde ele avança também a seguinte observação: “A alma ‘imortal’ foi provavelmente o primeiro duplo do corpo”¹². O termo *duplo* eleito por Freud já direciona nosso entendimento justamente para esta consideração de que, em seu texto, isto que é imortal nada mais é do que uma parte do próprio vivo. Assim sendo, teremos então chegado a uma explicação para o enigma do *medo* dos mortos? Ora, parece que para Malinowski, não. Na verdade, parece que nas observações de Malinowski esse enigma sequer existe. O próprio Malinowski demonstra surpresa ao relatar em sua obra:

De todos os fatos relativos à sua crença no espírito dos mortos, o que mais me impressionou foi a de que esses nativos não têm nenhum medo de fantasmas e não experimentam as sensações de apreensão que nos são características ao pensarmos numa possível volta dos mortos¹³.

¹⁰ Op. cit., p. 75.

¹¹ Cf. Sigmund FREUD. *O inconsciente, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, v XIV, 2006, p. 182.

¹² Sigmund FREUD. *O inquietante, Obras completas, volume XIV*, São Paulo, Companhia das letras, 2016, p. 351.

¹³ MALINOWSKI, op. cit., p. 138.

Desta maneira, não podemos considerar a questão do *animismo* nas observações do autor, pelo menos não da mesma forma que em Freud, uma vez que o autor é enfático ao dizer que os nativos pouco dão importância aos mortos. Naturalmente que Malinowski demonstra que os nativos acreditam na vida após a morte e que, ao que parece, consideram a *imortalidade* das almas, o que até certo ponto converge com o entendimento de Freud, entretanto, a importância dada aos nativos a estes mortos de forma alguma confirma as considerações freudianas. Neste momento, poderíamos ainda aplicar total ou parcialmente o entendimento freudiano aos nativos observados por Malinowski? É o que verificaremos a seguir.

2. A magia e a feitiçaria

Iniciaremos nosso percurso sobre esta pergunta retomando Malinowski quando ele prossegue considerando que “os nativos canalizam todos os temores e apreensões para a magia negra, às bruxas voadoras, aos seres malévolos causadores de doenças - mas, acima de tudo, aos feiticeiros e às bruxas”¹⁴. Neste instante, para darmos continuidade às nossas análises, é necessário que nos dediquemos a esclarecer os conceitos de *feitiçaria* e *magia* para estes dois autores. Começemos então por Freud, quando ele pondera:

A feitiçaria seria, então, a arte de influenciar espíritos tratando-os da mesma maneira como se tratariam seres humanos em circunstâncias semelhantes: apaziguando-os, corrigindo-os, tornando-os propícios, intimidando-os, roubando-lhes o poder, submetendo-os à nossa vontade – através dos mesmos métodos que se têm mostrado eficazes com homens vivos. A magia, por outro lado, é algo diferente: fundamentalmente, ela despreza os espíritos e faz uso de procedimentos especiais e não dos métodos psicológicos do dia-a-dia. (...) A magia tem de servir aos mais variados propósitos - ela deve submeter os fenômenos naturais à vontade do homem, proteger o indivíduo de seus inimigos e de perigo, bem como conceder-lhe poderes para prejudicar os primeiros¹⁵.

Examinando a citação acima, podemos então concluir que, no entendimento do autor, a *feitiçaria* seria uma forma de diretamente influenciar os espíritos dos mortos de acordo com os anseios do feiticeiro ou daquele que recorre a este método, enquanto a *magia*, por sua vez, teria a função de exercer influência sobre os vivos e sobre a natureza, também de acordo com os anseios do mago ou daquele que a este recorre. Note-se a ênfase colocada por Freud no termo *vontade (Willen)* ao discorrer sobre os conceitos¹⁶. Tanto

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Sigmund FREUD. *Totem e Tabu, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, v XIII, 2006, p. 90.

¹⁶ Tanto na tradução da editora Imago (realizada por Órizon Carneiro Muniz sob direção de Jayme Salomão a partir da tradução para o inglês: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*), quanto na tradução da editora Companhia das Letras (realizada diretamente do alemão por Paulo

um quanto o outro estariam fundamentalmente estruturados e, deduzimos nós, tendo como principal justificativa e raiz isto que, em última análise, é o desejo do próprio sujeito que recorre a qualquer um destes dois métodos. Sendo então este desejo a principal causa e justificativa para a realização dos rituais.

Não nos surpreende que Malinowski tenha um entendimento diferente sobre estes dois conceitos, uma vez que suas observações o conduzem à conclusão de que os nativos de seu estudo desconsideram os mortos como fonte de ameaça, não necessitando então de métodos para controlá-los tampouco para influenciá-los. Por conseguinte, seus entendimentos sobre os significados destes conceitos divergem de maneira importante dos entendimentos de Freud. Sobre a *magia*, o autor a descreve como a “tentativa de controle direto sobre as forças da natureza por meio de tradições especiais”¹⁷. Desta forma, a *magia* para ele estaria relacionada estritamente às influências sobre natureza desconsiderando tanto os mortos como os vivos. Já a *feitiçaria* estaria ligada precisamente à influência sobre os vivos, conforme descreve o autor:

O medo da feitiçaria é enorme e, quando os nativos visitam regiões distantes, esse temor assume proporções ainda maiores em virtude do medo adicional do desconhecido e do estrangeiro. Há em Dobu, além de bruxas voadoras, homens e mulheres que, conhecedores de feitiços e rituais mágicos, podem infligir doenças e causar morte¹⁸.

Instigante nos é verificar o termo *medo* escolhido por Malinowski para descrever o sentimento dos nativos observados ante a possibilidade da *feitiçaria*. Uma vez que este seria o mesmo termo escolhido por Freud para se referir ao sentimento das populações estudadas por ele em relação aos mortos, poderíamos tecer um paralelo entre estas populações e estes mecanismos, mesmo ante a diferença de entendimento dos autores e mesmo ante a diferença do resultado dos estudos dos dois autores nas diferentes populações?

Deduzimos que até certo ponto podemos tecer um paralelo, mas sem conseguir explicar os motivos desta diferença de posicionamento. Se tivermos como base o entendimento freudiano de que a *ambivalência* de sentimentos e a *hostilidade* inerente a qualquer ligação emocional estariam nas bases e seriam as causas primeiras deste sentimento de *medo* experimentado posteriormente como fruto de algum tipo de *ameaça* presente em um objeto externo, podemos concluir que de alguma forma que nos é ainda

César de Souza), verificamos que o termo *Willen*, escolhido por Freud, foi traduzido por *vontade*. Optamos por manter este termo em nossas citações assim como nesta parte de nosso texto. Contudo, salientamos que o termo pode igualmente ser traduzido por *querer, desejo, aspiração, anseio*, etc.

¹⁷ MALINOWSKI, op. cit., p. 139.

¹⁸ Op. cit., p. 99-100.

desconhecida, os nativos observados por Malinowski elegeram objetos diferentes dos corriqueiramente eleitos para depositarem as suas *hostilidades* que seriam experimentadas posteriormente como *medos*. Ora, o próprio Malinowski se mostra espantado ao verificar esta total ausência de *medo* no que se refere aos mortos, o que nos faz pensar que o autor já entendia, conforme Freud, que este *medo* seria quase uma *via de regra* em qualquer meio civilizatório que possa ser encaixado neste contexto específico. Entretanto, o que devemos salientar é que o *medo* existe. De acordo com nosso entendimento, por algum motivo que, ao que parece, Malinowski também não consegue justificar, este *medo* estaria vinculado a outros objetos, seriam eles os *estrangeiros, as bruxas voadoras e os homens e mulheres que seriam conhecedores de feitiços e rituais mágicos*. Seria possível então colocar esta observação de Malinowski no entendimento freudiano? Responderemos a esta questão considerando que a *hostilidade* (afeto inconsciente) destes nativos estaria da mesma maneira ligada a outra ideia (que não a original) e estaria sendo, assim como a das populações observadas por Freud, mal interpretada. Assim sendo, seriam então estes objetos externos potencialmente *hostis* e não o próprio amedrontado. Ou seja, de uma forma ou de outra, seguindo este entendimento, concluiríamos que, seja no momento em que recorre, seja no momento em que sente *medo* da *magia* e da *feitiçaria*, os sujeitos estariam sempre orientados, em última análise, pelos seus próprios desejos, sejam eles produtivos ou *hostis* e não reconhecidos conscientemente. Sustentaremos nossas afirmações tendo como base algumas considerações feitas pelos dois autores. Vejamos primeiramente Freud:

É fácil perceber os motivos que conduziram os homens a praticar a magia: são os desejos humanos. Tudo o que precisamos admitir é que o homem primitivo tinha uma crença imensa no poder de seus desejos. A razão básica por que o que ele começa a fazer por meios vem a acontecer é, em última análise, simplesmente que o deseja. De início, portanto, a ênfase é colocada apenas no seu desejo¹⁹.

Examinando a citação acima, podemos verificar a ênfase que Freud dá precisamente aos *desejos humanos* assim como naquilo que chamou de uma *crença imensa no poder* destes desejos no momento em que discorre sobre a busca por este recurso. Por conseguinte, poderíamos então deduzir que os próprios resultados colhidos através do uso destes métodos teriam também relações com conteúdos que, em última análise, estão presentes nos próprios sujeitos? Para respondermos a esta pergunta avançaremos primeiramente aquilo que classificamos como recursos a estes métodos decorrentes de desejos conscientes e perfeitamente observáveis.

¹⁹ FREUD, op. cit., p 94.

Nas descrições de Malinowski, pudemos encontrar inferências do autor sobre a *magia* como sendo o que talvez haja de mais importante no que se refere ao trabalho agrícola²⁰. É compreensível que, em virtude da própria necessidade da agricultura para a sobrevivência destes nativos, eles teriam então um intenso desejo de que o plantio e a colheita transcorram da melhor maneira possível. Malinowski ainda insiste que o *magico agrícola* seria um dos personagens principais destas aldeias, dada a sua suprema importância no processo do plantio. É ele que inaugura o processo do plantio e ele que dita, mediante seus encantamentos e rituais, todos os passos até a colheita dos produtos²¹. Mas qual seria o grau de influência dos encantamentos e dos rituais? Como poderíamos tecer a relação entre eles e o sucesso da colheita? Ora, Malinowski continua suas observações e suas descrições explicando justamente que todo este trabalho coordenado pelo *magico* acaba por resultar em um organizado e eficaz processo de plantio e colheita. De acordo com o próprio autor:

A magia é, portanto, uma influência que regula, sistematiza e controla o trabalho da roça. Ao executar os diversos ritos, o mago determina a marcha dos trabalhos forçando os nativos a se devotar a certas tarefas e a realizá-las de maneira adequada e com a devida pontualidade. (...) No final das contas, porém, não resta dúvida de que, por influência no sentido de ordenar, sistematizar e regular o trabalho, a magia constitui elemento de inestimável valor econômico para os nativos²².

Desta maneira, as observações de Malinowski esclarecem que a *magia* e o *magico* teriam então a função organizadora, norteadora e impulsora no trabalho agrícola. Seria pelas orientações do *magico*, que os nativos trabalhariam assiduamente em suas plantações obtendo êxito nela. Êxito este que, em última análise, é fruto do próprio trabalho dos nativos. Resumindo, o desejo de ter uma boa colheita faz os nativos recorrerem à *magia* e ao *magico*, os rituais, encantamentos e orientações do *magico* norteiam e organizam o trabalho agrícola dos nativos fazendo-os trabalhar assídua e intensamente. Com isto, os nativos obtêm o resultado desejado.

Parece-nos que nossa última citação esclarece os motivos pelos quais uma *magia* que visa influenciar a natureza pode perfeitamente lograr êxito. Contudo, nos resta responder ainda uma última pergunta em nosso texto: por que e como uma *magia* (no entendimento freudiano) ou um *feitiço* (no entendimento de Malinowski) lançados à uma pessoa viva buscando lhe fazer mal ou mesmo causar-lhe a morte, pode funcionar?

Segundo as observações de Malinowski:

²⁰ Cf. MALINOWSKI, op. cit., pp. 123 – 124.

²¹ Cf. MALINOWSKI, op. cit., p. 124.

²² Ibid.

Não há dúvida de que atos de magia negra²³ são executados por homens que acreditam ter poderes para isso. Não restam dúvidas, também, de que o medo e o nervosismo do nativo que vê sua vida ameaçada por um *bwaga 'u'*²⁴ são incontroláveis; e ainda piores quando ele sabe que o feiticeiro está sendo apoiado pelo poder do chefe - esse desassossego certamente contribui de modo eficaz para o êxito da magia negra²⁵.

Parece-nos que esta última citação nos ajudar a começar a responder a questão formulada anteriormente. Se o *medo e o nervosismo* dos nativos são de crucial importância de acordo com o autor e, se é essencial que tanto o *feiticeiro* como o nativo tenham a mais absoluta convicção nos efeitos do ritual, o que nos fica claro é que algo do próprio enfeitiçado se faz necessário para que o feitiço tenha êxito. Ou seja, seria então necessário que a própria vítima de alguma forma se autorizasse a ser acometida pelo *feitiço* e por seus efeitos. A própria vítima deveria deixar-se sugestionar pelo *feiticeiro*. Conforme avança Malinowski: “(...) a sugestão é uma força de extraordinária influência sobre a vítima, debilitando sua resistência naturalmente (...) o feiticeiro tem, como a vítima, plena confiança nos seus próprios poderes”²⁶.

Finalmente, poderíamos concluir que esta convicção no poder da *magia* e do *feitiço* seguida da sugestão decorrente do próprio ritual executado poderiam ser o suficiente para desencadear os sintomas no enfeitiçado? Pois bem, se analisarmos os sintomas do enfeitiçado na linha freudiana do entendimento de qualquer sintoma, naturalmente que podemos tecer nossa conclusão seguindo as explicações do próprio autor, quando escreve: “(...) o que determina a formação do sintoma é a realidade, não da experiência, mas do pensamento”²⁷. Neste sentido, deduzimos então, que a absoluta convicção (em pensamento) nos poderes daqueles que proferem os *feitiços* coloca a vítima a mercê de todos os efeitos destes rituais, mesmo que isso resulte, em última instância, na sua morte.

Conclusão

Chegamos, pois, ao fim de nosso escrito. Através das análises dos trabalhos de Freud e de Malinowski, buscamos explicar os conceitos que intitulam nosso texto, bem como a crença neles e, por fim, as possíveis razões que sustentam a eficácia dos rituais de magia

²³ Apesar de Malinowski utilizar o conceito *magia para* se referir normalmente aos rituais de influência da natureza (conforme explicamos na p.7), ao falar neste momento de *magia negra*, verificamos que o autor estaria se aproximando da forma como entende o *feitiço*. Ou seja, uma maneira de influenciar os vivos.

²⁴ Feiticeiro. Itálicos do autor.

²⁵ MALINOWSKI, op. cit., p. 142.

²⁶ Ibid.

²⁷ FREUD, op. cit., p. 97.

e feitiçaria. Neste sentido, os três conceitos que intitulam nosso escrito estariam, em última análise, relacionados à própria constituição psíquica dos sujeitos que neles acreditam. Algo do próprio sujeito que não é conhecido nem enlaçado conscientemente toma lugar e faz os seus efeitos no meio exterior, determinado de alguma maneira por este próprio sujeito. Desde a crença nos mortos, como o *medo* dos vivos e dos mortos, no caso de Freud, e apenas dos vivos, no caso de Malinowski, nada mais fazem do que apontar para algo do próprio sujeito que é experimentado e interpretado (erroneamente) como originado neste objeto externo. Sua própria *hostilidade* seria posta em algum objeto qualquer do mundo, seja ele real ou irreal, e deste objeto então esta *hostilidade* se originaria e se mostraria ameaçadora.

Por fim, podemos afirmar que a eficácia dos rituais de *magia* e *feitiçaria* estaria novamente ligada aos próprios executores e/ou às próprias vítimas. Ao recorrer aos rituais como forma de realização de seus desejos, estes sujeitos se implicam em diversas atividades que, naturalmente, tendem a desembocar em sua realização quando possível. Malinowski esclarece esta questão principalmente quando descreve os rituais mágicos presentes no processo da agricultura dos nativos. Já, por último, concluímos também que a implicação da própria vítima da *magia* ou da *feitiçaria*, seria essencial para sua eficácia. Através da consideração freudiana de que a *realidade do pensamento* determina a formação do sintoma, deduzimos que é justamente por ter a mais absoluta convicção nos rituais e em quem os profere que o sujeito pode se tornar vítima de seus efeitos, independentes de quais sejam.

Referências

FREUD, Sigmund. (1915). *Das Unbewußte*. In *Gesammelte Werke*. London, Imago Publishing, v. X, 1949.

_____. (1912-1913). *Totem und Tabu*. In *Gesammelte Werke*. London, Imago Publishing, v. IX, 1961.

_____. (1912 - 1913). *Totem e Tabu*. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro, Imago, v. XIII, 2006.

_____. (1915). *O inconsciente*. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro, Imago, v. XIV, 2006.

_____. (1919). *O Inquietante*. In *Obras completas, volume 14*. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, UBU, 2018.